

## MARCO BATTISTI

**Marco Battisti é um cooperante internacional italiano que vive há Moçambique há muitos anos. Amigo pessoal de Mário Raffaelli<sup>1</sup>, acompanhou o processo de abastecimento das zonas da RENAMO durante as conversações de Roma**

**Projecto: Caminhos da Paz (2010)**

**italiano/moçambicano**

**P.: Sabemos que apresentou Mario Raffaelli a Moçambique. Pode nos contar como o conheceu e em que contexto?**

MB.: Depois da universidade, que frequentei em Milão, voltei para Trento, porque tinha sido eleito Conselheiro Municipal numa lista de esquerda, e Mario era Secretário dos jovens socialistas. Portanto, o contacto era contínuo, debates e contactos com a elite e discussões. Ali estabeleceu-se um laço de amizade, que ia além das divergências políticas.

Trento estava acordando dum entorpecimento com a chegada de centenas de estudantes que escolhiam a Faculdade de Sociologia de Trento, porque era a primeira Faculdade de Sociologia da Itália. Portanto, pelo menos o clima político juvenil era muito intenso, vivaz, de intensos debates e discussões. Ali conheci Mario. Naqueles anos de intensidade política, chegou a Trento, também, José Luís Cabaço<sup>2</sup>, que veio estudar em Trento e encontrou essa grande ligação entre os estudantes e com a universidade.

Interessava-me muito África, a política internacional, até mesmo por tendência, porque alguns familiares moravam no exterior. Tornamo-nos amigos e essa amizade perdurou ao longo dos anos, das décadas e perdura ainda hoje.

---

<sup>1</sup> Mario Raffaelli (Trento, 15 de Maio, 1946) é um político italiano, membro do Partido Socialista Italiano. Entre 1990 e 1992 representou o governo italiano nas negociações que levaram ao Acordo Geral de Paz entre o Governo de Moçambique e a Renamo.

<sup>2</sup> José Luís Cabaço (Maputo, 10 de Agosto de 1941) licenciado em Ciências Sociais pela Università degli Studi di Trento, Itália em 1971 e Doutorado em Antropologia Social, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, em 2007, foi jornalista, militante da FRELIMO na clandestinidade e Ministro de Informação e dos Transportes no Moçambique pós- Independência.

**P.: Como se reencontraram em Moçambique?**

MB.: Reencontrei Mario Raffaelli em Lusaka, capital da Zâmbia, onde me lembro que foi realizada uma conferência internacional de uma organização de países da África Austral. Era uma conferência onde uma dezena de países africanos participavam e à qual foi convidada a comunidade internacional de doadores. Ali encontrei Mario Raffaelli. Ou melhor, quando eu soube seis meses antes desse encontro que Mario Raffaelli tinha sido nomeado Subsecretário das Relações Exteriores, eu telefonei para Itália, à minha mãe e disse: “Aquele Mario Raffaelli que se tornou Subsecretário é aquele mesmo Mario Raffaelli que eu conhecia de pequeno?” Ela confirmou. Então, mandei uma carta ao Mario que conservo, dizendo: “Estou aqui em África.” Ele ligou-me para a embaixada e nos reencontrámos com esse telefonema, relembrando velhas convicções políticas, de África e de solidariedade internacional. Então, marcámos encontrarmo-nos em Lusaka nessa conferência internacional. Ali começou a desabrochar-se todo um processo de contacto e de vindas de Mario Raffaelli a Moçambique.

**P.: Durante essas viagens que Mario fazia a Moçambique era você que o introduzia nos ambientes e o apresentava às pessoas importantes? Talvez tenha havido uma viagem mais importante que outra, onde Mario tenha tido a oportunidade de reencontrar Cabaço, por exemplo?**

MB.: Não me lembro do ano dessa viagem. Mas eu gostaria de explicar como fui parar a Moçambique que é um aspecto importante.

Tendo deixado Trento, fui trabalhar em Viena, no Instituto Mundial para a Paz que era uma organização internacional onde participavam instituições pacifistas de uns 50 países e onde se discutia, se organizavam conferências, debates, se faziam publicações. Havia um jornal mensal sobre os problemas da paz. Uma vez ali, como economista, pediram-me para estudar o custo do armamento e os benefícios do desarmamento. Era um trabalho um pouco monótono, chato e ruim.

Então, pedi ao director do instituto para me ocupar do processo de descolonização em África que era um tema fascinante para mim, porque via em África um continente, ou mais que um continente, milhares de pessoas que entravam na História e se apropriavam da História e do destino deles. Parecia-me um tema muito interessante, fascinante e emotivamente envolvente.

Então, comecei a fazer esse trabalho e comecei a fazer um levantamento de dados, nos 54 países africanos. O processo de descolonização, a história das lutas pela independência. Uma vez completo todo esse levantamento, entrando em contacto com os vários países, aquele que faltava era Moçambique. Das colónias portuguesas de África conhecia-se Angola, Guiné-Bissau, mas de Moçambique não havia documentos, nem se sabia quem era o grupo dirigente, qual era o programa político que estivesse sendo adoptado, enfim, era um vazio.

Então, no Verão de 1969 pedi a um deputado socialista italiano que me fizesse uma carta de apresentação à FRELIMO, meti-me num avião e fui sozinho para Dar es Salaam onde a FRELIMO tinha bases, escritórios e também bases de refugiados políticos, concedidos por um grande estadista que era Nyerere<sup>3</sup> e ali encontrei a FRELIMO. Estive um mês com eles em Dar es Salaam. Teve, realmente, um impacto muito profundo. Um impacto com pessoas extraordinárias, do ponto de vista cultural, do empenho, não só político, mas também humano, pessoas que achei extraordinárias e com as quais mantive um laço que se manteve no tempo e dura ainda hoje, tanto, que estou aqui em Moçambique.

**P.: Pode nos falar um pouco da sua ligação com Luís Cabaço?**

MB.: Éramos amigos em Trento. Ele, inclusive, fazia parte do meu pequeno partido socialista de esquerda. Tanto é que ele representou esse pequeno partido, numa conferência internacional de jovens, na Alemanha. Víamo-nos com assiduidade. Numa certa altura, Luís Cabaço, formase e some. Diz-se que voltou a Portugal. Na realidade, havia voltado para Moçambique e por conta da FRELIMO, num Moçambique ainda não independente. Havia o dever de organizar uma juventude propensa à FRELIMO, à independência, uma juventude filha de colonos, mas que tinham feito uma escolha, ou que pelo menos, estavam fazendo uma escolha.

Na Independência, eu encontrei Cabaço. Telefonámo-nos antes e depois encontrámo-nos em Roma, onde ele tinha um compromisso de trabalho, porque era Ministro dos Transportes e Comunicações. Encontrámo-nos em Roma e ali nasceu a ideia que eu fosse a Moçambique, para trabalhar no seu Ministério, coisa que aconteceu no ano seguinte. Cabaço organizou as minhas viagens para Moçambique e no ano seguinte entrei na estrutura do Ministério dos Transportes.

---

<sup>3</sup> **Julius Kambarage Nyerere** (Butiama, 13 de Abril de 1922 — Londres, 14 de Outubro de 1999) foi presidente do Tanganyika, desde a independência deste território em 1962 e, posteriormente, da Tanzania até se retirar da política em 1985. Em (1985-86) foi-lhe atribuído o Prémio Lenine da Paz.

## **P.: E sobre a história com Dom Zuppi<sup>4</sup>?**

MB.: Começou a guerra civil... é uma história difícil de se contar porque é muito complexa. Dentro da FRELIMO eu participava em muitas reuniões, discutia-se como estabelecer um contacto com a RENAMO.

A RENAMO era um movimento de guerrilha que contava com a protecção e suporte da África do Sul, Antes ainda, da Rodésia do Sul que tinha declarado unilateralmente a independência e era absolutamente desconhecida. Então, para fazer a paz, ou para se iniciar uma discussão sobre a paz, era preciso entrar em contacto com a RENAMO. Esse foi um dos primeiros trabalhos feito pelo governo moçambicano. Demonstra-se interesse sobre o facto dentro do governo moçambicano, sempre com o apoio fortíssimo de Raffaelli e do governo italiano que ajudava de todos os modos, a iniciar um processo de paz que veio a durar cinco anos.

No início dos anos 80, quando se começava uma tentativa de contacto com a RENAMO, com a intervenção e apoio do governo italiano, o embaixador italiano daquela época e um ministro moçambicano, foram incumbidos de irem à Beira, a 1000 km daqui, onde chegaria um avião carregado de alimentos para a população. Então, fui até lá e desce do avião um jovem padre, vestido com uma túnica, muito jovem. O avião estava carregado de alimentos. Apresenta-se como Dom Matteo Zuppi da organização de Sant'Egídio<sup>5</sup>, de Santa Maria, em Trastevere e logo percebo o motivo da viagem.

A uma certa altura Dom Matteo Zuppi diz-me que ele é portador de uma carta do Primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti<sup>6</sup>, para o Presidente de Moçambique, Samora Machel<sup>7</sup>. Eu estava um pouco desconfiado sobre uma coisa desse tipo. Então, ele abre a jaqueta, tira uma carta, um envelope, mostra-me o envelope faz-me ler a carta que começava assim: “Caro Samora de Giulio Andreotti”. Redobra a carta, levo-o para o aeroporto para apanhar um avião para Maputo.

---

<sup>4</sup> **Dom Matteo Maria Zuppi** (Roma, Itália 11 de Outubro de 1950) é um Padre Católico Italiano da Comunidade de Sant'Egídio actualmente arcebispo da arquidiocese de Bolonha.

<sup>5</sup> A **Comunidade de Santo Egídio** é uma organização católica fundada em 1968 no bairro de Trastevere, em Roma, Itália, dedicada à caridade, evangelização e promoção da Paz.

<sup>6</sup> **Giulio Andreotti** (Roma, 14 de Janeiro de 1919 — Roma, 6 de Maio de 2013) foi um Líder do Partido Demócrata-Cristão Italiano e foi Primeiro-ministro nos períodos de 1972-1973, 1976-1979 e 1989-1992. Desde 1991 era senador vitalício, por nomeação presidencial.

<sup>7</sup> **Samora Moisés Machel** (Chilembene, Gaza, 29 de Setembro de 1933 — Mbusini, Montes Libombos, 19 de Outubro de 1986) liderou a Guerra da Independência de Moçambique e tornou-se o seu primeiro presidente após a sua independência.

Aquele foi o primeiro contacto oficial de Sant' Egídio com Moçambique. Dom Matteo, um dia ou dois dias depois, encontrou o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique que naquela altura era Joaquim Chissano<sup>8</sup> e que depois se tornou Presidente da República.

Começaram os contactos cada vez mais frequentes entre Mario Raffaelli e Moçambique, e também Dom Matteo Zuppi e Moçambique. Fizemos reuniões com muita frequência. Quando vinha o Zuppi ou o Raffaelli faziam-se pequenas reuniões nocturnas na casa de alguém. Discutia-se como entrar em contacto com a RENAMO, quem podia encontrar um contacto com a RENAMO. Numa dessas reuniões, havia outros diplomatas italianos que vinham pela primeira vez a Moçambique e não entendiam bem a situação. Então Cabaço dava um exemplo: “Aqui há duas gavetas, uma é a gaveta da FRELIMO. Quando abrimos essa gaveta sabemos aquilo que há dentro e o sabemos nós, assim como se sabe a nível internacional. Tem os grupos políticos, a liderança, a história desse partido, o sedimento cultural e político desse partido. Se abrimos a outra gaveta que é aquela da RENAMO, a gaveta está vazia. Não temos um documento político, um documento programático, não temos um quadro, um organograma da liderança, da organização, não sabemos quem são, o que querem, o que pretendem fazer, e onde encontrá-los”. Esse é um óptimo exemplo, o da gaveta, usado por Cabaço para explicar ao corpo diplomático qual era o problema.

Houve uma grande ajuda de Sant' Egídio, que através do Vaticano e da Igreja portuguesa começou a entrar em contacto com a RENAMO. Houve um desenvolvimento lento, lentíssimo das negociações. Havia a Guerra Fria<sup>9</sup> e as grandes potências não viam que sem eles se iniciasse um processo de paz.

**P.: Como se sentiu no processo, um pouco como moçambicano e um pouco como italiano? Como se sente hoje 20 anos depois da paz?**

MB.: Eu estava muito ligado à luta de libertação de Moçambique, porque era muito parecida com a luta de libertação da Itália, a luta antifascista. Era muito parecida, tinha valores iguais de liberdade, de independência, de democracia.

---

<sup>8</sup> **Joaquim Alberto Chissano** (Malehice, Chibuto, Gaza, 22 de Outubro de 1939) é um político Moçambicano, veterano da luta armada da Frelimo, foi Primeiro-ministro do Governo de Transição e depois da proclamação da independência de Moçambique é nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros. Foi o segundo Presidente de Moçambique de 1986 a 2005.

<sup>9</sup> **Guerra Fria** é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indirectos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991), um conflito de ordem política, militar, tecnológica, económica, social e ideológica entre as duas nações e suas zonas de influência. É chamada "fria" porque não houve uma guerra directa entre as duas superpotências, dada a inviabilidade da vitória em uma batalha nuclear.

Estava muito envolvido, também, nessa guerra absurda e terrível, porque tinha vivido em zonas de guerra e estava muito perto das atrocidades, das vítimas, das mortes e de uma guerra absolutamente desumana. Portanto, esse papel da Itália para encontrar uma solução de paz, essa iniciativa apoiada pela Itália com um grande esforço financeiro e um grandíssimo esforço diplomático, ao nível internacional, o esforço do Ministério das Relações Exteriores italiano, muito forte, era um motivo de orgulho para mim, como italiano e para mim como participante do processo de desenvolvimento deste país que eu sentia como o meu país.

Eu sentia-me muito ligado à FRELIMO e à luta da independência da FRELIMO. A originalidade que a FRELIMO havia trazido nas lutas de independência africanas era uma novidade. Os motivos fortes eram: “Não copiamos de ninguém, apropriamo-nos da nossa história e não copiamos a ideia política de outros.” Então, esse socialismo africano, esse socialismo moçambicano era muito diferente das experiências que havíamos vivido no leste europeu. Estava também muito próximo da liderança que era realmente formidável.

Inclusive, o progresso de Moçambique naqueles anos foi devido a um grupo muito coeso e muito forte de dirigentes, mas sobretudo, um grupo muito preparado e muito inteligente, diferentemente de outros grupos dirigentes de outros países. Sentia-me ligado à população, ao grande sofrimento da população.

Quando cheguei a Moçambique havia três médicos moçambicanos com 15 milhões de habitantes. O povo moçambicano era um povo que havia passado por um grande sofrimento: o sofrimento do colonialismo. Começava a sentir o sofrimento da guerra civil que estava superando com dificuldade e entrava numa zona sombria, uma zona de insegurança.

A intervenção da Itália, do Subsecretário, mas também de Giulio Andreotti, do Governo da Itália, de toda a Farnesina<sup>10</sup>, que tinha uma equipe de extremo valor e sabia trabalhar a nível internacional com elevado nível e o empenho da Itália, era um motivo de orgulho muito forte para mim, como italiano e um motivo de satisfação para mim como participante da história moçambicana.

---

<sup>10</sup> O **Palácio da Farnesina**, muitas vezes referido como a **Farnesina**, é um prédio da administração pública, sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália. Está localizado entre Monte Mario e o Tibre na área Foro Itálico de Roma.

**P.: Nos anos vividos na guerra civil, quais eram as dificuldades em encontrar uma estrada para a paz, se tivesse que indicar as criticidades do processo de paz, um momento difícil? Por que não se conseguia desbloquear a situação?**

MB.: O ponto principal está na constituição da RENAMO, que é uma organização criada pelo *apartheid* da África do Sul e pela Rodésia e contava com fortes apoios militares e logísticos. Portanto, não tinham objectivos políticos, era uma arma fantoche nas mãos de outros.

Depois um segundo motivo: era a Guerra Fria. Era o momento crucial da Guerra Fria, onde Reagan<sup>11</sup> tinha que derrotar a experiência da FRELIMO e a de Angola. A Guerra Fria manifestava-se não no choque entre as duas grandes potências, mas sim nas 20, 30 guerras periféricas pelo mundo. Então, esse era o segundo obstáculo.

A terceira coisa era: a RENAMO, um movimento de guerrilha, sem linhas políticas e obediente somente às directrizes da África do Sul. Portanto, tratar com a RENAMO era tratar com os EUA, ou tratar com as grandes potências. Essa era a grande dificuldade.

A quarta dificuldade eram os massacres da RENAMO, impossíveis de se contarem. Eu trabalhei vários anos, 4 ou 5 anos numa zona de guerra, onde a Itália financiava um projecto de pacificação através do desenvolvimento económico e o projecto deu certo. Pouco a pouco, enquanto se seguia adiante com o projecto, na construção das aldeias, onde acomodar os deslocados, onde era distribuída a terra aos camponeses, onde eram construídas escolas, hospitais, meios de difusão, como rádio, para toda aldeia, através de grandes alto-falantes, a RENAMO intervinha, destruindo tudo. Chamavam-me pela manhã, para recompor os cadáveres, para ver aldeias queimadas, famílias inteiras destruídas. Aquilo eram coisas absolutamente horríveis. Essa era uma guerra que deixava marcas profundas no ânimo das pessoas, dos combatentes, quer duma parte, quer de outra.

---

<sup>11</sup> **Ronald Wilson Reagan** (Tampico, 6 de Fevereiro de 1911 — Los Angeles, 5 de Junho de 2004) foi um actor e político norte-americano, o 40.º Presidente dos Estados Unidos e o 33.º Governador da Califórnia.

**P.: Quais foram, na sua opinião, as acções que desbloquearam de certo modo esse impasse?**

MB.: O impasse foi desbloqueado primeiramente, ao nível da política internacional, onde os encontros de Raffaelli com Crocker<sup>12</sup>, Subsecretário de Estado das Relações Exteriores americano e com a diplomacia internacional que favoreceram o processo de paz. As pessoas, em Moçambique, não aguentavam mais.

Então, a paz tornava-se algo almejado pelas pessoas, pela população. Eu vivia isso na zona rural onde estava trabalhando nesse projecto. A certo momento, foi publicitada uma amnistia. Como nosso projecto de cooperação foi feito um folheto escrito nas línguas locais, além de português, onde se dizia: “É preciso fazer a paz, somos irmãos do mesmo país, precisamos da paz.” O folheto concluía dizendo: “Os espíritos dos nossos ancestrais querem que vivamos em paz como irmãos.” Tive que mostrar esse folheto, em Maputo, no Ministério. Não houve acordo, porque no folheto falava-se do espírito dos ancestrais. Depois o folheto passou e foi distribuído ao longo da estrada, na área controlada pela RENAMO. Houve 200 ou 300 soldados que difundiram a voz que o governo italiano financiou, a inserção deles na vida civil e isso foi uma potente onda de pacificação.

Numa outra aldeia difundiu-se um boato de que em Roma tinha sido assinado o acordo de paz. O que aconteceu? Os guerrilheiros da RENAMO saíram do mato e os soldados da FRELIMO saíram do quartel e com a população fizeram uma grande festa. Isso aconteceu na província de Cabo Delgado. A uma certa altura, alguém chega dizendo: “Contra-ordem, contra-ordem... não é verdade a notícia.” Então com desolação, tristeza, cumprimentaram-se e voltaram a fazer guerra. Mas isso quer dizer que a paz estava no espírito, no ânimo das pessoas.

---

<sup>12</sup> **Chester Arthur Crocker** (29 de Outubro de 1941) é um diplomata Americano e estudioso que serviu como Subsecretário de Estado de Relações Exteriores para Assuntos Africanos de 1981 a 1989 na administração Reagan. Crocker, arquitecto da política Americana de “engajamento construtivo” direccionada à África Austral, incluindo a África do Sul do *apartheid*, é creditado pela definição das condições da independência da Namíbia.